



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Espirito de contradição



A MÁS LINGUAS:

- D'esta vez será verdade?
- Fala baixo. Se ele ouve ainda é capaz de ficar...



PALESTRA AMENA

Os santos de junho

Os senhores deram por que passassem este mez os dias e, sobretudo, as noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro? Nós não demos por tal e entretanto não nos faltavam motivos para as recordarmos, porque as conhecemos da provincia onde os dois primeiros santos citados, Santo Antonio no sul de Portugal e S. João no norte, são festejados pelo povo, não com a solenidade que se presta a pessoas de alta categoria e cerimonia, mas com a intimidade que reina entre amigos intimos, n'esse tu-cá, tu-lá de quem foi companheira de escola.

E' S. João quem mais nos lembra; a sua noite é a ma's pequena do ano, para maiores saudados nos deixar aos primeiros clarões da manhã, e é muitas vezes, como agora cacheceu, a mais luarenta, para melhor fixarmos na memoria as sombras onde ocultámos amores. Em Lisboa não se sabe o que são orvalhadas, não se conhece o banho santo da meia noite, não se saltam as fogueiras de carrasca e romaninho, perfumadas e indiscretas, pondo manchas de desejos vermelhos nas anagões brancas das cachopas. E não se conhecem as cantigas alegres e reveladoras dos namorados, com seus queixumes, suas esperanças, seus prometimentos, sua brejeirice que não poupa o proprio santo:

*S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro
Vieram de lá as freiras
Depenicaram-o todo.*

E com sentido oculto, a prever a maledicencia dos invejosos.

*Eu perdi um anel d'ouro
Na moite de S. João,
Não é lá pelo anel
Mas sim pelo que dirão.*

Mas em Lisboa ha—ou havia—a praça da Figueira com os seus cravos e versos. Sim, mas que cravos e que versos! As flores eram de papel e a inspiração encomendada, dos vates da rua das Atafonas, era uma coisa sem classificação litteraria, avinhada, tola, insipida, que só valia pelo riso que provocava, como eram parvas as cantigas dos ranchos que atravessavam os bairros trazendo de um balão pendurado n'uma bengala:

*Olha o balão,
Olha o balãozinho...*

No emtanto, concordamos em que essa semsaboria das noites dos santos populares em Lisboa representavam, bem ou mal, a alegria do povo. Falta-lhes sinceridade, principalmente faltava-lhes poesia, mas ainda assim a praça da Figueira era um desabafo. Pois bem: essa mesma derivante á

preocupação do resto do ano desapareceu d'esta vez, cremos que por determinação da autoridade. Decretou-se a tristeza, a mazombice obrigatoria, a abolição da gaitinha, a ausencia do modesto mangerico—deixando-se apenas livre como até agora a bebedeira citadina.

E tivemos de viver a noite de S. João, como a de Santo Antonio, como a de S. Pedro, da saudade das festas provincianas, tão belas e pitorescas, até mesmo—para que se não suponha que são incompatíveis com a civilização dos grandes centros—as do Porto, com as suas ranchadas dos arredores, entrando triunfantes a cantar

*Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,
Viva o rancho das mulheres solteiras.*

seus bailados durante a noite nas Fontainhas e seu alho bravo, em guisa de trofeu, de madrugada na praça do Anjo...

J. Neutral.

Agora é certo

Aquele monumento que se está a construir a toda a pressa á memoria do marquez de Pombal está aqui está concluido: é o que se depreende d'uma noticia recente narrando que se assinou agora o contrato entre os poderes publicos e os construtores.

Escreve-nos o interessado, isto é, o proprio marquez, elogiando todas as pessoas que mais ou menos teem contribuido para que se levante o monumento, pela celeridade com que tudo



tem corrido e pedindo que não se fiquem tanto porque a rapidez acarreta perdas de energia que muito podem prejudicar o organismo.

Assinado o contrato, é claro que não falta mais nada a fazer senão o monumento, mas este é uma parte minima do cometimento, insignificante por assim dizer, que se executa emquanto o diabo esfrega um olho.

Emfim, se não se levantarem atritos inesperados bem se pode assegurar que os filhos dos netos dos nossos netos veem a assistir á inauguração do primeiro degrau do pedestal do monumento.

EXEMPLO A SEGUIR

Em certa associação de cujas sessões, por muitos motivos interessantes, os jornaes teem dado conta ultimamente, querendo os seus membros honrar a memoria de consocios falecidos fazem-no conservando-se a assembléa em silencio durante cinco minutos, na certeza de que o facto tem mais eloquencia de que longos e retóricos discursos.

Muito bem. Ai está uma coisa que podia perfectamente adotar-se em S. Bento na republica nova, não apenas na ocasião de falecimentos mas tam-



bem em muitas outras. Por exemplo, quando algum deputado fizesse uma proposta tola o presidente em vez de a pôr á discussão, diria:

—Peço á camara que esteja calada durante cinco minutos.

E passados eles poderia mesmo prorrogar o praso até que a proposta esquecesse.

Se os paes da patria estivessem calados tanto tempo como o que costumam empregar em paleio—como seriam bem empregados os tres escudos e tanto com que a filha se esportula diariamente para cada um!

A proposito de Lavacolhos

A impressão deixada pela tragedia de Lavacolhos tem sido enorme nas pessoas que não podem providenciar para que outros factos eguaes se não venham a dar, não parecendo aos poderes publicos que seja tempo de exigir dos professores primarios que eduquem civicamente as crianças, para outras medidas preventivas que haveria a tomar—como a de correr com os senhores priores que ensinam aos paroqueanos que os unicos deveres que teem a cumprir são o da missa uma vez por semana e o da confissão uma vez por ano.

E a proposito tem-se contado outras selvajarias ruraes, calando-se no emtanto as das cidades ou sejam dos centros civilizados, onde um tiro contra um transeunte se dá hoje com a facilidade com que antigamente se dava um piparote.

Ora então, dê a capital o exemplo e não esteja com ares de quem, assaltando a propriedade, não é capaz de linchar os habitantes se lá os encontrar.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida amêdade.

Lansso mão da pena com pena de ter de te dezer que sufrí uma grande desconsidrasão do sr. menistro da istrusão puvlica ca caba de numiar uma numarosa cumição para tratar a reforma do triato nassional i nan teve a alimbransa de sa limbrar du mê nome cando eu tanho cido sem questã a peço que mais ce tem interçado ultimamente pur açuntos de triatro. Quer dizer: curvidou ótores, atores, impregados varios de triatro, isto é, tudo peçoas que ganham cum u triatro i pur ele arressebem dinheiro, i canto a mim, ou ceja canto ó puvlico que é quem paga, nem munto nem pouco ce pin-sou! Pois intão nan é u puvlico que tem toudo o derêto de dezer o que é aquilo de que mais gosta, de avaliar us trabalhos de ótores, atores, çanografos, endomentarios, etc.? Intão us membros da cumição, que tem intrada de borla nus triatros, é que çabem caes ção as conveniensas du puvlico?

Olha, Zefa, é tudo acim nesta terra: tratace de sobecistensas i quem ce çunçulta? O çunçumidor que as paga? iço sim! u cumercio i u agricultor que as vende! Quem numeia us menistros i oitros impergados que teem de zalar pellos intreces puvlicos? O puvlico? nan, Zefa: u çhefre du Istado que nan depende de ninguém!

Imfim, isto é um desabaço cem impurtansia porque o ponto cem impurtancia d'esta meciva é a arrepersintação du *Febo Munis*, mais de mil verços toudos rimados feitos pelo sór Bento Fa-



ria, que aindas faria muntos mais ce le dessem tempo pra iço. Cólidades da peça: 1.ª — Nan ter purnugrafia nenhuma.

2.ª — Mostrar cu Ferreira da Cilva é repuvlicano estórico porque dá cada escumpustura ós reises que estes ficam de cara ábanda.

Defeitos: 1.º — Mostrar u mau gosto da Alvertina de Oliveira que cum aquela carinha que ce lava cum um buxexo d'auga dá çorte ao istafermo do Robles que inté pra parser mais feio usa pera. 2.º — Ter 5 atos cando podia munto bem ter 2 ou 3 prá jente nan istar a destilar inté á 1 hora da noite.

I cum isto nan te infado mais treminando pur te avisar que ce aí oivi-



res dezer que istou cum a ispanhola nan te debes açustar porque a ispanhola nan é mulher nenhuma mas cim uma duença como oitra caesquer i nan tem u prigo du tifo incetematico.

Arresebe u curasão sódoso du teu marido internamente fiel.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteamas de Peras Ruivas.

Com a "hespanhola"

Pois é verdade. Cá estivemos com ela durante alguns dias, como toda a gente e somos a dizer que a «hespanhola» não é tão má como a pintam.

Começa uma pessoa por falar hiperbolicamente, por exagerar o que diz; em seguida é atacada por um grande amor ás castanholas e ás pandeiretas, depois sente-se neutral, tem dôr de cabeça, pigarro, vae para a cama, tem febre, larga a cantar *malagueñas* e *peteneras* — e de ali a dias levanta-se fraquissima mas liberta da influencia de Castela, a assobiar com entusiasmo o hino da Restauração.

Algumas notas de reportagem:

—Então lá em casa todos bons, querida Elvira?

—Não, filha: meu marido está com a hespanhola.

A amiga admirada:

—Pois tu sabes?

—Sei o que?

—Que teu marido e a hespanhola...

Imfim, julguei que não sabias.

—Que dizes tu?! Eu refiro-me á *influenza*!

—Ah! julguei que te referias á... outra.

O dr. Carolino, em casa, recomen-dando ao criado:

Auzenda de Oliveira

*Quem na Revolta inda não viu a Auzenda
Um castigo merece sem demora;
E' como aquele que não vê a aurora
Porque a feia preguiça á cama o prenda.*

*Não dá por mim mas eu não tenho emenda:
Vejo-a na cena, siga-a cá por fóra
E revejo-a, afinal, a toda a hora
Mesmo que os olhos feche e me defenda*

*Não lhe digam, porém, o que eu confesso,
Esta perseguição, esta constancia,
Mais não pretendo e mais não lhe mereço.*

*Que não me ligue a minima importancia
Eis, com toda a franqueza, o que lhe peço
Porque as mulheres querem-se a distan-
cia...*

BELMIRO.

—Já sabes: Se aparecer alguém para consultar, dize-lhe que sou especialista da doença hespanhola.

—Mas v. ex.ª não é especialista de partos?

—Pois sim, porque até agora era a doença mais em voga, mas esta su-



plantou-a. Eu sou sempre especialista da doença reinante.*

—Então como estão lá em casa, amigo Antunes?

—Tudo de cama, com a hespanhola, menos a criada.

—Que trabalho deve ter a pobre rapariga!

—Qual! passa o tempo a namorar o galego da esquina.

—Ah! já percebo porque essa escapou á hespanhola!

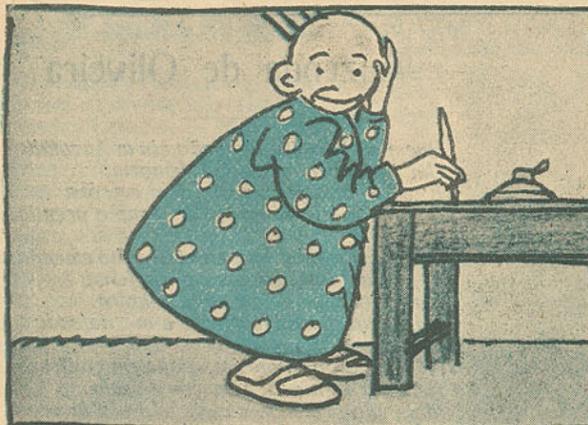
—Por quê?

—Porque está... com o hespanhol.

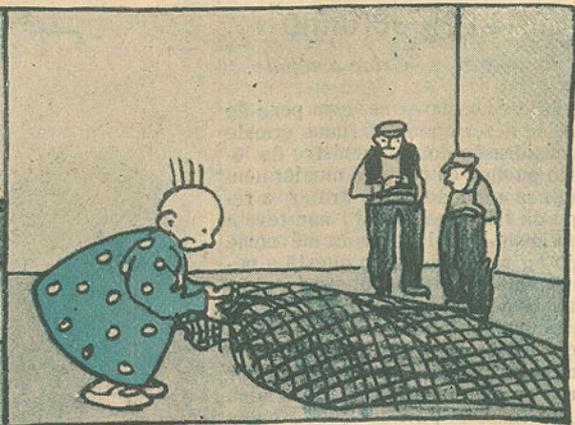
Livros, Livrinhos e Livrecos

No triste fado, por Arnaldo Serrão—E' a historia, poetisada, d'uma d'essas desgraçadas que a sociedade, pelos seus defeitos de constituição, arrasta fatalmente á perdição. E' uma lição, tantas vezes dada e tão poucas aproveitada.

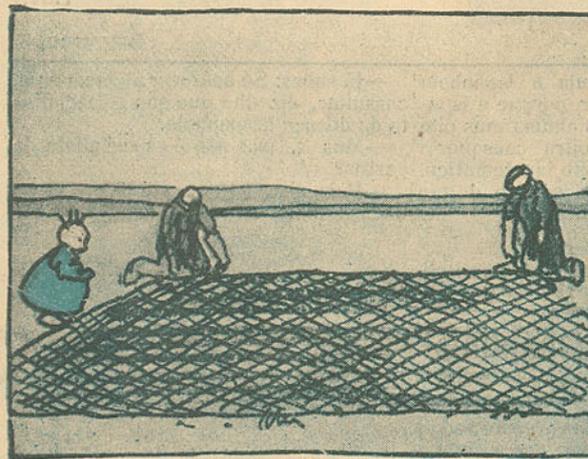
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

27.^a Parte — 2.^o Episodio — OS INVENTOS — (Continuação)

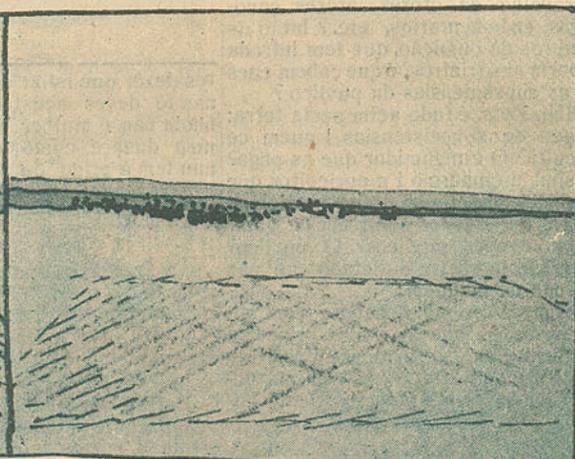
1.—Nunca se esgota um assunto
Se a pessoa tem talento.
Manecas puxa o bestunto
E sae lhe joga um invento!



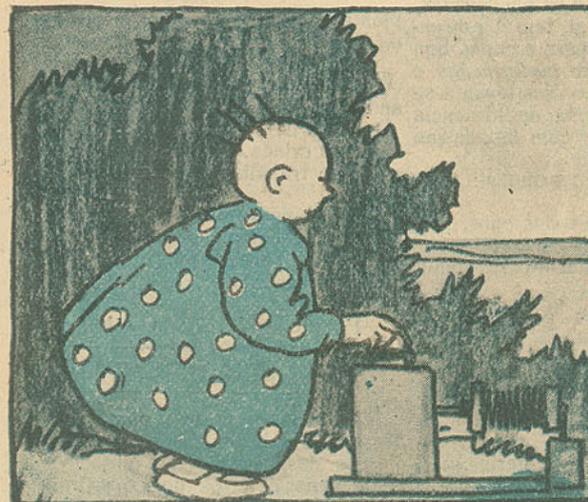
2.—Ha dias o talentaco
Em Franca mandou fazer
Uma enorme rede d'aco
De antes quebrar que torcer



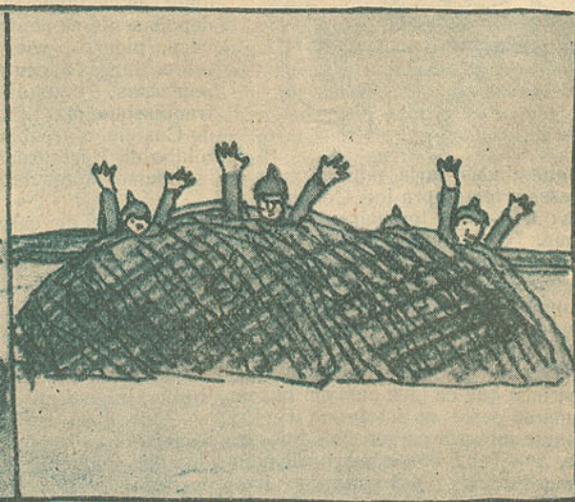
3.—E estendeu-a n'um terreno
Onde muito bem sabia
Que tropa de além do Reno
Muito em breve passaria.



4.—Alguns minutos passados
Os alemães, na verdade,
Avançavam descuidados,
Com toda a facilidade



5.—Quando por traz do arvoredo
O menino portentoso
Coloca a ponta do dedo
N'um botão misterioso...



6.—Resultado: mil canalhas,
Como se fossem fanças,
Ficaram presos nas malhas
Do nosso amigo Manecas!